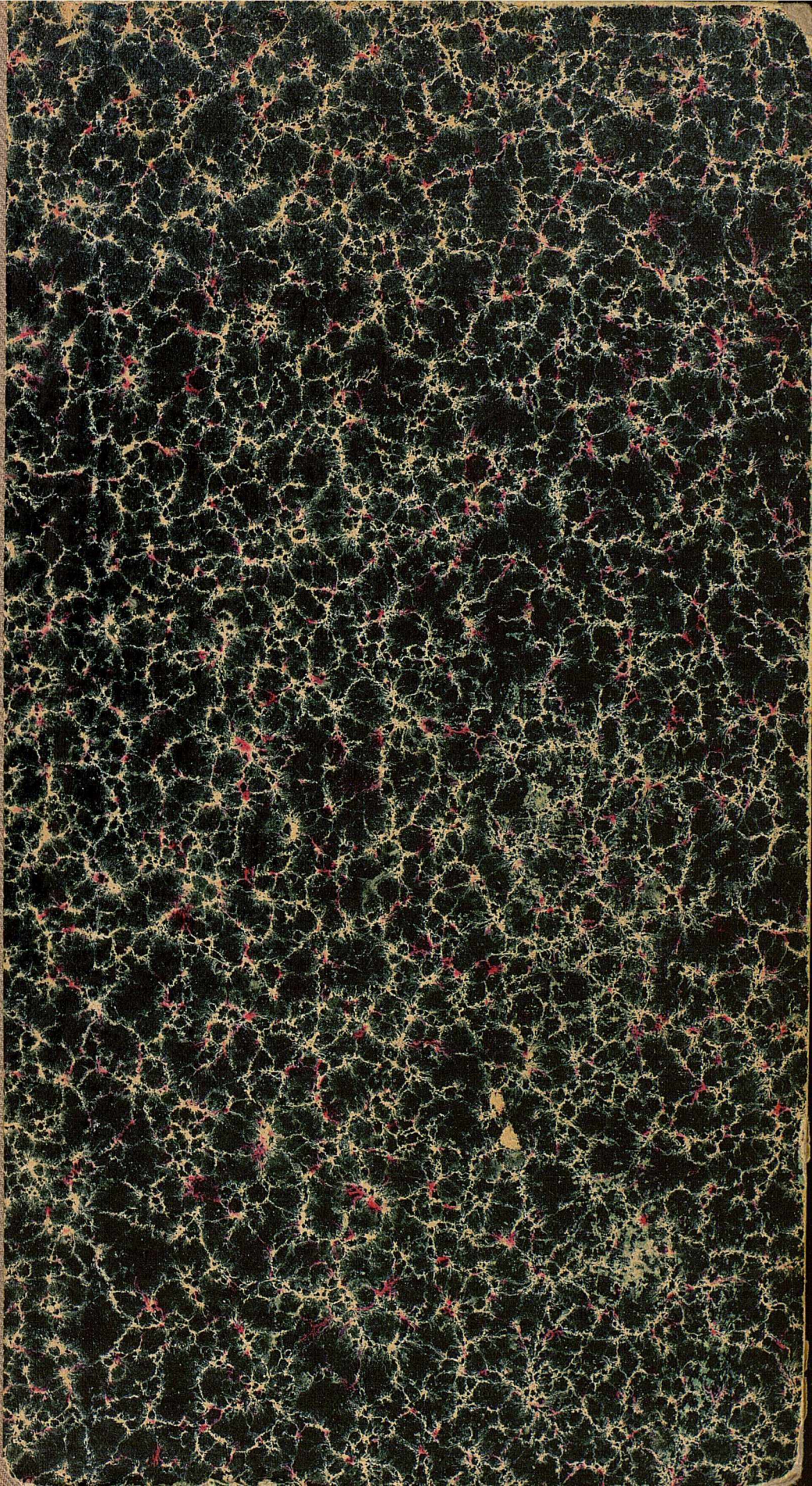
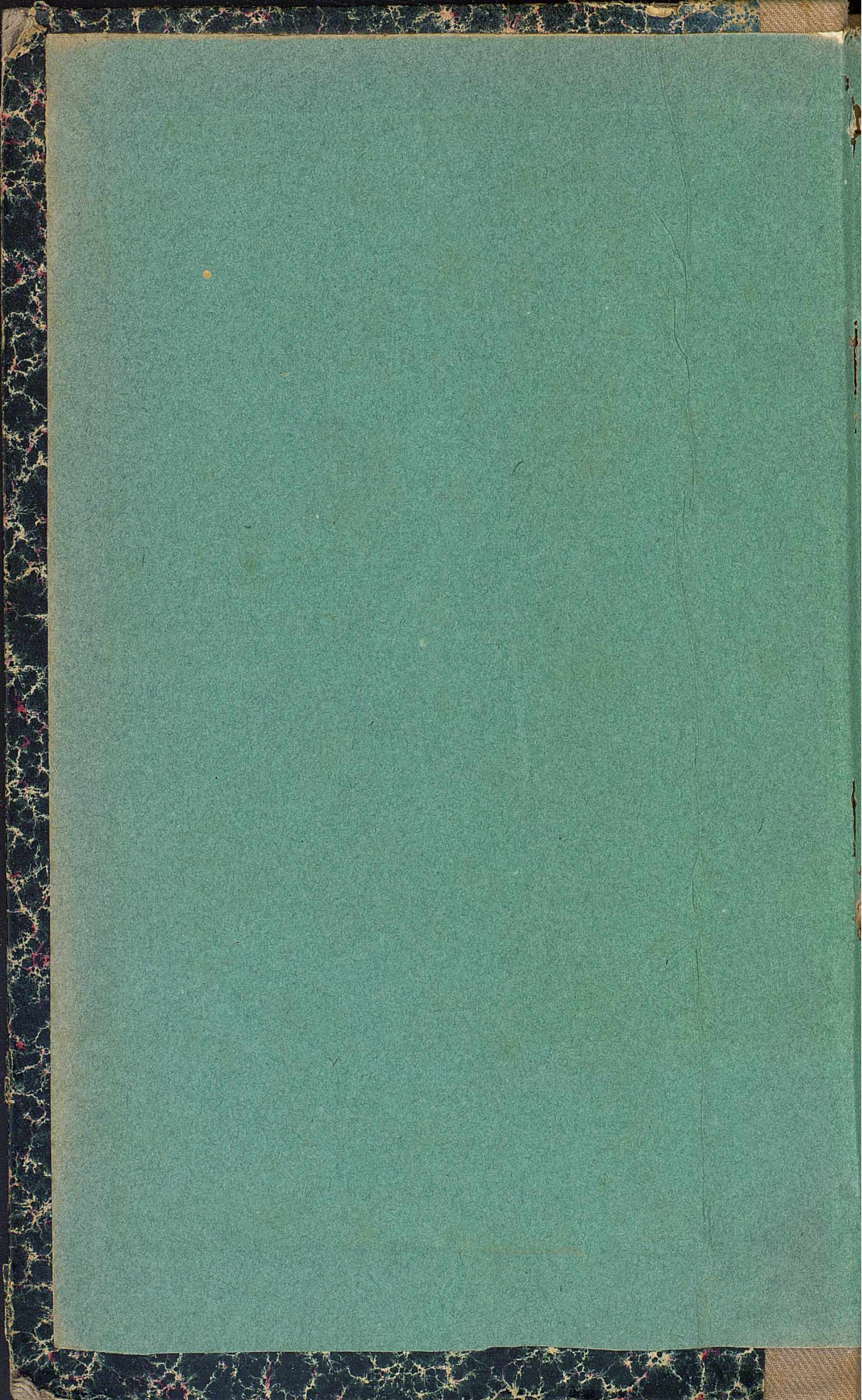


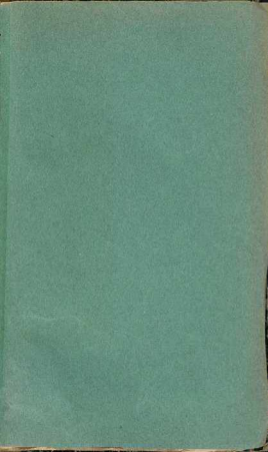
ORA

ANZA

1872









B  
6.806

# CARTA ALEGRE

A UM AMIGO DE

SETUBAL

DE

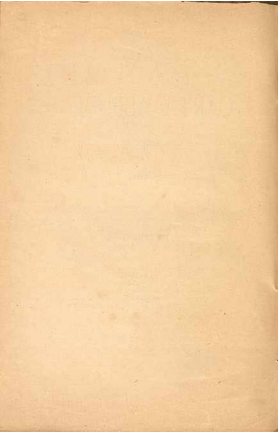
B. T. R.

*№ 6.124*



EVORA  
*Minerva Commercial*  
1901

*533*



20

# CARTA ALEGRE

A UM AMIGO DE

## SETUBAL



Com cento e treze cantára  
Alegria, vinho, amor  
Em Theos Anacreonte,  
Como de Troia defronte  
Canta novo trovador.

Bem vindo quem tem noventa,  
Quem aos cem ha de chegar,  
Quem censura aos rapazelhos  
Que aos sessenta já são velhos,  
Quem é rapaz no trovar!

Das margens do patrio Sado <sup>1</sup>  
Bem vindo com sua carta  
A visitar Tranca Ratos,  
Sem rhetoricos ornatos  
Mas com pilherias á farta.

---

(<sup>1</sup>) Patria adoptiva.

Sessenta e cinco são nada,  
Tem razão, Doutor amigo,  
Comparados a seus annos,  
Se não foram bem tyrannos  
Estes meus, por meu castigo!

Fizeram-me anachoreta  
Os deste mundo illusorio...  
Vivo ao *naipe sempre baldô*,  
Como o mouro de Geraldo,  
Cá na Torre de Sertorio.

O meu nojo dos homunculos  
Que não valem um real,  
Nem eu sei como se exprima?  
Quando subo lá acima  
Lembro o Paulino Cabral,

E ao ver em baixo a cidade  
Ignorante e depravada,  
Como elle ambicionava,  
Desatar bem desejava  
Os meus calções e... mais nada...

E não quer que seja um velho  
Quem pensa desta maneira?  
Taes têm sido os piparotes  
Que me têm dado mil zotes<sup>2</sup>  
Encapellados na asneira.

Detesto aos pavões humanos  
Mais ignorantes do que eu,  
(Que é preciso ser bem pouco  
Para ser qual sou, um louco,  
Um lunatico, um sandeu.)

---

(<sup>2</sup>) Por tencionar immortalisar a um em  
poema heroe-comico, lhe não faço aqui re-  
ferencias.



Da amizade nos altares  
Accendo velas diarias  
Aos poucos santos que têm,  
Não digo mal de ninguém,  
Nem lhes canto falsas arias.

O que digo dos amigos  
É sincero e é leal,  
É d'homem que não tem pregas,  
E que nem toma bröegas,  
Ainda mal! e por seu mal!

Porque julgo bem felizes  
Os que têm outro pensar,  
E seguem outro caminho,  
Afogando sempre em vinho  
Mesmo o mais leve pezar;

Mas, vamos cá ao que importa:  
Não quer ser velho aos noventa,  
E diz que em muito orifício  
Por dever de seu officio  
Tem mettido muito a *tenta*.<sup>3</sup>

É 'nisto o meu bom amigo  
Uma feliz excepção,  
Tanto maior quanto o frade,  
O cura, o nedio abbade  
São quem tem mais duração.

O medico não vive muito<sup>4</sup>  
Por contraste singular!  
Ampara vidas alheias,  
Vence doenças mui feias  
Só se não sabe curar!

---

(3) É medico, o meu amigo.

(4) Dizem-no as estatísticas.

É a cousa, a lei fatidica,  
Contra a qual não ha poder,  
Não tem valor a experiencia,  
Não importa a continencia,  
Não serve o muito saber.

Não é o Doutor um velho;  
Tambem eu velho não sou:  
Apenas um pouco usado...  
Dolorido, corcovado  
Caminho seguindo vou,

Dominado por vesania  
De escrever e d'algo ler;  
Com musas inda converso,  
Faço esta carta em verso  
Para á sua responder.

Como disse algures Castilho,  
Fallando de versos taes,  
São estes meus algo escuros,  
E por serem muito duros  
Nasceram para immortaes.

Longe de mim medicina  
Longe de mim cirurgia!  
No Lethes, de monte a monte,  
Passa a barca de Acheronte  
Numero igual cada dia.

Confirmo, pois, o que disse  
Ao meu amigo Velloso:  
As gotteiras do meu predio  
Não preccuro dar remedio,  
Sempre fallaz, enganoso.

Deixo-me ir indo na crista  
Da onda, que vae rolando,

Até quebrar 'num momento  
Na praia do esquecimento,  
Não sei como, nem sei quando.

Tarde respondo á missiva  
E a seus versos engraçados ;  
Porque o frio é tão intenso,  
Tão cortante, que até penso  
Ter os miollos gellados !

E é verdade: haja vista  
Tão comprida versaria,  
Saida de exhausta veia  
Sem uma unica ideia !  
Perfeita semsaboria.

Torre de Sertorio, 27-2-1901

*Bonifaciano Tranca Ratos*

